

Martin Luther – “efeito de distanciamento” e camadas temporais na tradução

Raquel Abi-Sâmara

Em 1533, Martin Luther escreveu o texto *Summarien über die Psalmen und Ursachen des Dolmetschens*, a fim de fundamentar sua tradução dos salmos, feita diretamente do hebraico para o alemão. Os *Summarien* esclarecem nitidamente as concepções tradutórias de Luther e revelam, em última instância, sua hermenêutica teológica. A tradução desse texto para o português, por mim efetuada sob o título “Comentários sobre os Salmos e os motivos da tradução”, encontra-se publicada na antologia bilíngüe *Clássicos da Teoria da Tradução* (FURLAN 2006), em volume especial sobre o Renascimento.

Cerca de 500 anos separam o original de Martin Luther e sua versão para o português. A tradução do texto luterano consistiu para mim em importante experiência teórica e histórica, que certamente pode ser reproduzida em aulas de tradução de língua alemã em nível universitário, com a finalidade de estimular o posicionamento crítico do estudante de tradução e de ampliar seus conhecimentos lingüísticos e teóricos por meio de um aprendizado ativo. O presente artigo consiste em reconstituir o caminho reflexivo exigido por essa tradução e, simultaneamente, apresenta-se como proposta de uma seqüência de duas ou três aulas de teoria e práxis tradutórias.

Martin Luther – Significação histórica da tradução bíblica

Não seria exagerado afirmar que Martin Luther (1483-1546), mais conhecido como Martinho Lutero em português, é o tradutor mais importante dos últimos tempos, mais precisamente, dos últimos cinco séculos. A tradução luterana da Bíblia foi basilar não somente para a Reforma como também para o próprio idioma alemão¹. Luther traduziu a Bíblia para seu próprio dialeto, o *Hochdeutsch*, incluindo palavras, locuções e formas de expressões dos dialetos restantes, e,

¹ Além de “reformador”, Luther é considerado um criador de língua, como o celebram Herder e Klopstock. Antes de Luther, ou seja, antes da ampla e rápida divulgação de sua tradução da Bíblia, não se pode ainda falar de uma língua alemã única.

ao mesmo tempo, realizando um trabalho sutil de descaracterização dialetal dessa língua. Desse modo, transformou o *Hochdeutsch* em uma espécie de *lingua franca*, permitindo assim que sua tradução fosse compreendida em todo o território de língua alemã. Traduzir, para Luther, significava aproximar-se da fala popular de todos os dias, para que a Bíblia pudesse ser ouvida. Nas palavras de Antoine Berman sobre a tradução luterana,

O bom alemão é o do povo. Mas o povo fala uma infinidade de alemães. Trata-se então de traduzir para um alemão que se eleve de uma certa maneira acima da multiplicidade dos *Mundarten* sem, no entanto, renegá-los ou massacrá-los. Daí a dupla tentativa de Lutero: traduzir para um alemão que *a priori* só pode ser local, o seu, o *Hochdeutsch*, mas elevar, no próprio processo da tradução, esse alemão local a um alemão comum, a uma *lingua franca* (BERMAN 2002: 50).

Na época da Reforma existiam outras traduções alemãs da Bíblia (a primeira delas data de 1475), mas certamente eram cheias de latinismos. Luther rejeita o latim como *medium* oficial da Igreja romana e, de maneira geral, da escrita. O entendimento da tradução luterana como pedra angular da literatura, da língua e da cultura alemãs pode ser justificado com a observação de Franz Rosenzweig, que juntamente com Martin Buber traduziu a Bíblia no início do século 20. Em seu ensaio *Die Schrift und Luther*, Rosenzweig afirma o seguinte:

Compreendemos hoje ainda, *grosso modo*, o alemão de Lutero, se o ortografarmos do jeito moderno. Por outro lado, seria difícilimo para nós lermos a literatura que lhe é contemporânea, na medida em que ela não foi influenciada por ele (*apud* BERMAN 2002: 55).

Pode-se dizer que a Bíblia luterana inaugura na Alemanha uma “tradição da tradução”, que será enormemente valorizada pelos românticos alemães. De acordo com Berman,

o fato de que a fundação e a formação do alemão literário comum tenham ocorrido por meio de uma tradução é o que permite compreender porque vai existir na Alemanha uma *tradição da tradução* para a qual esta é criação, transmissão e expansão da língua, fundação de um *Sprachraum*, de um espaço lingüístico próprio (BERMAN 2002: 54).

Para concluir essa breve introdução, vale lembrar que a tradução luterana, além de criar na Alemanha “um antes e após Luther”, rendeu ao Reformador preciosas reflexões sobre o fazer tradutório, expostas basicamente em dois textos: “Carta aberta sobre a tradução” (*Sendbrief vom Dolmetschen*), de 1530, e os “Comentários sobre os salmos e os motivos da tradução”, escrito em 1531 e publicado em 1533, objeto de interesse deste artigo. Estes textos, no entanto,

conforme adverte Mauri FURLAN, especialista em teoria da tradução no Renascimento, apresentam não apenas sua concepção de tradução, mas também alguns pontos centrais de sua teologia:

Tanto a sua concepção lingüística como a tradutológica subordinam-se à sua concepção religiosa, ou, dito de outra maneira, a tradução da Bíblia só tem sentido dentro de uma perspectiva teológica (recordemos aqui os três princípios básicos da Reforma protestante: 1) a Bíblia como única regra, 2) só a fé salva, e 3) a universalidade do sacerdócio que faz com que cada homem possa e deva ler a Bíblia e interpretá-la) (FURLAN 2004: 11).

Ainda que venhamos a nos concentrar estritamente nas reflexões tradutológicas de Luther, não devemos, portanto, perder de vista, em nosso horizonte teórico, a relevância da vertente teológica em suas traduções bíblicas.

Experiência de leitura: do alemão gótico ao alemão atual

Compreendida a importância de Martin Luther para a formação da língua e da cultura alemãs, iniciei então a tradução dos *Summarien über die Psalmen und Ursachen des Dolmetschens*. O texto original apresenta cerca de 10 páginas. No entanto, verifiquei que nas edições de que dispunha para a tradução deste texto, tanto em *Gesammelte Werke* da Digitale Bibliothek, 2002, como em *Die Werke Martin Luthers* da Evangelische Verlagsanstalt, 1951, ele teve inexplicavelmente as mesmas cinco páginas suprimidas, se tomarmos por base o texto original de 1533, como foi reproduzido em alemão gótico em Weimar, 1912. Para restabelecer sua integralidade conforme o de Weimar, contei com a assistência do teólogo alemão Bruno Fuchs para a transcrição do alemão gótico ao alfabeto latino das páginas faltantes e para a atualização da ortografia, posteriormente revisadas por Werner Heidermann e Mauri Furlan.

Por meio da comparação do primeiro parágrafo dos *Summarien* (cerca de 12 linhas) em alemão gótico com sua transcrição para alemão atualizado, o tradutor e/ou o estudante de tradução pode tirar suas próprias conclusões, a partir de repetições e alterações entre os dois textos, a respeito de características estruturais, declinacionais, vocabulares e ortográficas do alemão gótico. Verifica-se que o texto de Luther, diferentemente dos textos que lhe são contemporâneos e por isso ainda não influenciados por ele, como bem observa Rosenzweig, pode ser compreendido *grosso modo*. É de se presumir que a percepção das alterações por meio de leitura comparativa habilita o tradutor à compreen-

são dos parágrafos que se seguem dos *Summarien* em gótico, e isto provavelmente o habilita mais do que se apenas tivesse conhecimentos teóricos e genéricos sobre filologia germânica.

A necessária teoria da tradução na prática

A leitura dos *Summarien* hoje, se feita diretamente em alemão gótico, provoca naturalmente no leitor a sensação de distanciamento temporal com relação ao texto, seja graficamente, dado o estilo arcaico das letras², seja pela própria transformação (vocabular, declinacional, ortográfica etc) do idioma alemão desde os tempos de Luther. Mas como recriar esse efeito de estranhamento em uma tradução feita no século 21? Será que uma tradução hodierna desse texto deverá apenas informar, comunicar o conteúdo, ou deverá conservar o “sabor do tempo” de um texto de 1533? Sua linguagem deverá soar igualmente arcaica? Que critérios deverão ser adotados, por exemplo, para a escolha vocabular?

Essas são questões centrais que devem ser consideradas ao se traduzir os comentários de Luther. A tradução desse texto engloba no mínimo três camadas temporais: os dias atuais, ou seja, os dias do leitor do século 21, o tempo de Luther, quando escreve os *Summarien*, e o tempo do Velho Testamento, dos termos hebraicos comentados pelo Reformador em suas justificativas de tradução dos salmos. Como lidar com essas camadas temporais na prática tradutória? Diante desses pontos a serem examinados, torna-se necessário recorrer à teoria da tradução para que o trabalho seja fundamentado em bases consistentes e possa apresentar resultado coerente.

A seguir, e em linhas gerais, indicarei caminhos teóricos que segui a fim de definir o tom de minha tradução dos *Summarien*. Recorri inicialmente ao pensamento tradutológico de Jirí Levý, que desde cedo se destacou entre os representantes da geração de estruturalistas tchecos. A escolha do teórico se deu em virtude da relevância de suas reflexões sobre tradução e do intuito de resgatá-lo do esquecimento injustificado na academia brasileira. Em *Die literarische Übersetzung. Theorie einer Kunstgattung*³, Levý divide em dois grupos

² O gótico caracteriza um estilo de letra desenvolvido a partir de manuscritos carolíngios desde o século oito, e adotado nos primeiros livros impressos, entre os séculos 13 e 14. (Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0.5)

³ Livro lançado em 1963, em tcheco, e publicado em alemão em 1969, pela editora Athenäum. A tradução para o alemão foi feita juntamente com o autor.

principais os métodos de tradução existentes: ilusionistas e antiilusionistas. Os primeiros causam no leitor a ilusão de que, ao ler a tradução, está em plena fruição do texto original: “O tradutor ilusionista esconde-se atrás do original, apresentando-o sem intermediação ao leitor, com o objetivo de lhe causar uma ilusão tradutória, a ilusão de estar lendo o original” (LEVÝ 1969: 31). Os métodos antiilusionistas, por sua vez, nunca causariam esse tipo de ilusão no leitor. Eles fazem com que o leitor esteja sempre consciente de que aquilo que lê não é o original, mas sim sua tradução. Para definir esse segundo grupo, LEVÝ recorre a uma linguagem teatral: “A figura no palco proclama-se ator, tira a máscara, aponta para uma árvore e diz: esta árvore representa uma floresta” (LEVÝ 1969: 32).

Embora LEVÝ não mencione o nome e nem os experimentos dramáticos de Bertolt Brecht, ao definir com metáfora teatral os métodos de tradução antiilusionistas, não deixa de colocá-los em paridade com o **efeito de distanciamento** (*Verfremdungseffekt*) na arte de representar, preconizado por Brecht em *Schriften zum Theater*, publicação de 1962. Esse efeito é descrito por Brecht como uma técnica de representação utilizada em alguns teatros para distanciar do espectador os acontecimentos apresentados: “É condição necessária para se produzir o efeito de distanciamento que, em tudo o que o ator mostre ao público, seja nítido o gesto de mostrar” (BRECHT 2005: 104). Essa técnica é diametralmente oposta à que visa a criação de empatia. Entre os recursos teatrais para se alcançar esse efeito, Brecht fala da recorrência à terceira pessoa, da recorrência ao passado e da intromissão de indicações sobre a encenação e de comentários etc.

Em *Die literarische Übersetzung*, LEVÝ investe na construção de uma teoria ilusionista da tradução. Segundo o teórico, é rara a tradução antiilusionista⁴, uma vez que o objetivo principal da tradução é representativo, ou seja, ela deve “alcançar” o original: “Uma tradução abstrata, atemática seria na verdade uma antitradução” (LEVÝ 1969: 32). Para se chegar a uma tradução ilusionista, segundo Levý, é necessário que se coloque em primeiro plano o conceito de **efeito** (*Wirkung*) da obra sobre o público receptor:

Não se trata, para nós, de preservar “a obra em si” mas sim de manter seu valor para os receptores (isto é, de manter as funções distintivas e sociológicas de seus elementos). Não insistiremos no fato de que a vivência do leitor do original deva ser idêntica à do leitor da tradução, mas vamos insis-

⁴ Como um dos exemplos de tradução antiilusionista, LEVÝ cita a paródia.

tir em uma identidade sob a perspectiva da função na estrutura geral dos contextos histórico-culturais de ambos os leitores. Trata-se de estabelecer uma ordem de relação das unidades com o todo, seja em relação à função no sistema, seja em relação a traços característicos (LEVÝ 1969: 32).

Com base nesse pensamento, optei por fazer uma tradução que englobasse os métodos ilusionista e antiilusionista. A ênfase ilusionista na tradução revela-se na **linguagem atual** do texto de Luther em língua portuguesa. Com exceção de poucos vocábulos e expressões que remetem a tempos remotos (como, por exemplo, “espezinhar”, “encafurnado”, “refestelado”), que não deixam de produzir um certo “aroma” de arcaísmo sem contudo criar gestos de fala artificiais, privilegiei o registro coloquial da linguagem, como o empregamos atualmente. Essa escolha foi feita com o objetivo de recriar para o público de língua portuguesa no Brasil o **efeito comunicativo** claramente observável no texto de Luther. Uma das maiores preocupações do Reformador em seus textos e traduções era comunicar de forma clara, fazer-se entender por seu público de língua alemã (ou de línguas alemãs). Destaquemos uma passagem da tradução dos *Summarien* para ilustrar a abordagem comunicativa de Luther:

E, retomando o salmo 68: nele ousamos muito, privilegiando com frequência o sentido e deixando a literalidade das palavras de lado. Em razão disso, muitos sabichões decerto nos repreenderão, e possivelmente alguns piedosos ficarão escandalizados. Mas, de que adianta se ater às palavras com tanto rigor e sem necessidade, se o sentido afinal não for compreendido? Quem quiser falar alemão não deve usar as palavras conforme o modo hebraico, mas convém atentar para que, uma vez compreendido o que disse o hebreu, busque o sentido de seu discurso e prefira se interrogar nos seguintes termos: como um alemão falaria neste caso? Se ele encontrou palavras adequadas em alemão, deve deixar de lado as palavras hebraicas e reproduzir livremente o sentido, no melhor alemão que puder (LUTHER 2006: 143).

Citemos o célebre trecho da “Carta aberta sobre a tradução”, que reforça ainda mais o posicionamento comunicativo de Luther:

Pois não se tem que perguntar às letras na língua latina como se deve falar alemão, como fazem os asnos, mas, sim, há que se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois traduzir; aí então eles vão entender e perceber que se está falando em alemão com eles (LUTHER 2006: 105).

Vale lembrar que, ainda que a prática e os comentários de Luther enfatizem a tradução *ad sensum*, ele não afirma que esta seja melhor que a *ad uerbum*, simplesmente declara ter-se servido das duas, o que se verifica em sua ponde-

ração sobre o verso 19 do salmo 68: “Por isso, [...] devemos dar lugar à língua hebraica nos trechos em que exprime melhor o sentido do que nossa língua alemã é capaz de fazer” (LUTHER 2005: 147).

Pergunta-se, no entanto: se a tradução ilusionista dos *Summarien* recria **efeito** semelhante ao produzido pelo original luterano, em outras palavras, se a tradução comunica em português claro e coloquial dos dias atuais, assim como os *Summarien* comunicavam em alemão claro e popular no século 16, como produzir aquela sensação de distanciamento temporal que o leitor atual tem ao ler esse texto diretamente no alemão gótico? Como destacar na tradução as diferentes camadas temporais do texto? Por certo o texto já traz em si certas estranhezas que naturalmente remetem o leitor a tempos remotos (e além de ser ainda datado), como se lê nas primeiras linhas: “A todos os cristãos piedosos, graça e paz em Cristo. Perto da Páscoa deste ano de 1531, revisamos e melhoramos novamente, e pela última vez, nosso saltério alemão” (LUTHER 2005: 137). Fica, portanto, a critério do tradutor, a partir de suas considerações teóricas, se essa distância histórica, temporal merece ser valorizada ou não na tradução.

Optei por potencializar as diferentes camadas temporais e interpretativas na tradução dos *Summarien*, com o intuito de intensificar um **efeito de distanciamento** do leitor com relação ao texto e conseqüente enriquecimento de sua leitura crítica, o que busquei por meio de inserção de notas no final da tradução. Esse **recurso antiilusionista**, da ordem do *Verfremdungseffekt* brechtiano, pode ser exemplificado com a seguinte passagem luterana e respectiva nota do tradutor:

Traduzimos, por exemplo, o versículo 10 do salmo 58 do seguinte modo: ‘Antes que vossos espinhos amadureçam no espinheiro, uma ira vai arrancá-los ainda verdes’ etc. Sabemos bem que os rabinos judeus lêem e interpretam de outra forma. A palavra *sir* é por eles entendida como panela, e a palavra “ira”, como fogo (LUTHER 2006: 137).

No final desse fragmento (após a palavra “fogo”) inseri a seguinte nota, aqui transcrita parcialmente⁵:

N.T. Luther refere-se aqui à palavra *sir*, interpretada pelos rabinos judeus como “panela”. De fato, tanto os rabinos quanto Kasuto a interpretam como “panela”, que seria, no caso, *sirá*. Mas a palavra *sir* pode significar também “espinheiro”. O posicionamento da palavra no verso dificulta seu entendi-

⁵ As informações referentes ao idioma hebraico e aos versículos dos salmos, incluídas nas notas da tradução, são contribuições da hebraísta Rivka ELYOGLU e de sua consulta à Bíblia interpretada, de M.D. KASUTO e A.S. HARTUM (Tel’Aviv, Yavneh 1969).

mento: ela vem seguida da palavra *atad*, que também significa espinheiro. A colocação de dois termos sinônimos, seguidos um do outro, recurso recorrente na Bíblia, não deixa de reforçar o sentido do que é apresentado, ou seja, da planta “espinheiro”. Vale registrar que *sir* designa uma planta espinhosa da família das rosáceas (*Poterium*), bastante comum na região montanhosa de Israel; e *atad* significa planta espinhosa selvagem (*Lycium*) da família *Solanium*, que cresce em regiões de Israel, especialmente próximo do litoral e no deserto de Neguév.

A nota menciona a leitura (não rabínica) de KASUTO e de ELYOGLU para o verso comentado por Luther, evidenciando assim os salmos em sua versão original (a.C.), em hebraico. Ao destacar a palavra *atad*, sinônima de *sir* e não mencionada na passagem luterana, Elyoglu (leitora atual, século 21) corrobora a leitura de Luther (século 16). Ao buscarmos definições dicionarizadas para as palavras *sir* e *atad*, encontramos a diferenciação entre as duas através dos respectivos nomes científicos, em latim (*Poterium e Lycium*). Esses nomes, por sua vez, indicam topônimos, lugares geográficos – Israel, Neguév –, onde crescem. Tanto *Poterium* quanto *Lycium* (assim como Israel e Neguév) são encontráveis no espaço geofísico, no âmbito das ciências naturais, ganhando com isso um *status* físico, distanciando-se qualitativamente daquele *status* alegórico em que se encontrava no Velho Testamento.

Essas notas de tradução, no meu entender, nada mais são que recursos anti-ilusionistas em uma tradução intencionalmente ilusionista, com a finalidade de produzir e/ou intensificar o efeito de distanciamento do leitor da tradução (que nem sempre poderá ler diretamente no alemão gótico) com relação ao texto de Martin Luther.

O percurso tradutório aqui apresentado pode ser parcialmente reproduzido em uma ou duas aulas de tradução, em etapas inicialmente indicadas – de leitura comparativa do gótico com o alemão atualizado e de tradução do primeiro parágrafo de Luther. A tradução dos *Summarien*, publicada em *Clássicos da Teoria da Tradução*, se oferece como objeto de reflexão e de crítica (em terceira e última aula da seqüência) para estudantes que experimentaram e discutiram caminhos teóricos para a práxis tradutória desse texto.

Bibliografia

BERMAN, Antoine. „Lutero ou a tradução como fundação“. In: BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Trad. Maria Emília Pereira CHANUT. Bauru, EDUSC 2002, 47-66.

BRECHT, Bertolt. “A nova técnica da arte de representar”. In: *Estudos sobre teatro*. Trad. Fiana PAIS BRANDÃO. Rio de Janeiro, Nova Fronteira 2005, 103-111.

FURLAN, Mauri. “A Teoria de Tradução de Lutero”. In: ENDRUSCHAT, Annette / SCHÖNBERGER, Axel (Hg.). *Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische*. Frankfurt/Main, Domus Editoria Europaea 2004, 11-21.

LEVÝ, Jirí. *Die literarische Übersetzung – Theorie einer Kunstgattung*. Frankfurt am Main, Athenäum Verlag 1969.

LUTHER, Martin. “Comentários sobre os salmos e os motivos da tradução”. Trad. Raquel ABI-SÂMARA. In: FURLAN, Mauri (Hg.). *Clássicos da teoria da tradução – Renascimento*. Florianópolis, UUFSC/NUPLITT 2006, 136-159.

LUTHER, Martin. “Carta aberta sobre a tradução”. Trad. Mauri FURLAN. In: FURLAN, Mauri (Hg.). *Clássicos da teoria da tradução – Renascimento*. Florianópolis, UUFSC/NUPLITT 2006, 94-115.